

Professor analisa conflito entre EUA e Venezuela

Captura de Maduro, ordenada por Trump, causou comoção mundial

Por Lanna Silveira

A captura e prisão do líder venezuelano Nicolás Maduro, comandada pelo governo dos Estados Unidos, gerou grande comoção e polarização política em nível mundial. Em meio a questionamentos sobre a legitimidade da ação e preocupações gerais sobre as próximas medidas que serão tomadas pelos líderes norte americanos e venezuelanos, o Correio da Manhã conversou com Vagner Alves, professor da cadeira História do Tempo Presente do curso de História da UGB, para entender as motivações e os desdobramentos da atitude estadunidense, além de pensar em possíveis consequências futuras.

O governo estadunidense justifica que sua intervenção na política venezuelana é uma resposta ao envolvimento de Maduro em atividades de narcotráfico e terrorismo que estariam comprometendo a segurança dos Estados Unidos. Além de uma acusação formal ter sido levantada contra Maduro pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos, as autoridades norte americanas alegam que o governo da Venezuela seria responsável por facilitar o envio de drogas em grandes quantidades para os Estados Unidos.

Vagner analisa que, para além das motivações oficiais, a intervenção estadunidense foi movida por questões políticas e econômicas: especificamente, pela busca de aceitação do governo Trump e pelo interesse dos Estados Unidos nas reservas de petróleo venezuelanas.

O professor explica que, desde seu último mandato, Donald Trump vem demonstrando queda em popularidade entre o eleitorado estadunidense: isso gera preocupações em relação ao resultado das eleições deste ano, já que, para sua cúpula, é interessante que seus aliados políticos representem uma maioria no parlamento do país. Por isso, a posição de ataque de Trump ao narcotráfico teria sido motivada pela necessidade de demonstrar força a seu público interno, já que a "guerra às drogas" é uma questão de grande engajamento entre os norte-americanos.

— Uma parte muito grande da população americana apresenta algum tipo de envolvimento com entorpecentes; a questão das drogas é muito forte lá. Por isso, o discurso do Trump de combater o narcotráfico atinge o sentimento dos americanos. Prender o Maduro, que é uma pessoa que o governo deles aponta como uma



Donald Trump evita falar na redemocratização da Venezuela

Kremlin via Wikimedia Commons



Maduro será julgado por conspiração e narcoterrorismo

das grandes lideranças dos cartéis de drogas, é uma forma de mostrar força para a sociedade americana. É mostrar o Maduro como se fosse um 'troféu'.

Quanto ao interesse estadunidense no petróleo venezuelano, Vagner ressalta que, devido à falta de tecnologia e impossibilidades em investimento, a Venezuela não é capaz de aproveitar o potencial de sua reserva petrolífera - que é a maior do mundo, com mais de 300 bilhões de barris. Essa disponibilidade de acesso é interessante aos Estados Unidos, já que o país não somente é o maior produtor de petróleo do mundo, como também é o maior consumidor.

O professor também chama atenção para o fato de que o gover-

no Trump acredita que as relações políticas internacionais devem ser regidas por uma divisão geopolítica que atribui "zonas de influência" às grandes potências mundiais: o continente asiático estaria sob o controle chinês, parte da Europa seria controlada pela Rússia e as Américas seriam controladas pelos Estados Unidos. "Quando ele faz esse ataque, ele também está dando um alerta às outras grandes nações e para os próprios países do continente, afirmando que na América ele 'manda'".

Autorização para agir

Vagner analisa que a discussão sobre "ferimento de direito internacional" atribuída à invasão dos Estados Unidos na Venezuela parte da ação de captura de um

te-americana será mantida sob o governo venezuelano.

O professor acrescenta que a possibilidade de intervenção direta da ONU na situação, ou um posicionamento direto contra a ação estadunidense, é "quase nula", já que o exército estadunidense não se instalou no país e não iniciou uma guerra direta contra os venezuelanos. A questão principal que a organização está tentando mediar, atualmente, é a custódia de Nicolás Maduro em um território internacional.

Consequências

Para Vagner, a invasão estadunidense provocou um "terremoto" generalizado nas relações internacionais. "Essa ação do Trump deixou todo mundo assustado porque ele foi muito além do que se considera razoável: ele está mandando a mensagem de que pode tudo. Mesmo os países aliados aos Estados Unidos estão temerosos pelo futuro, porque se o governo dele achar interessante que algum território seja tomado, vai existir esse risco", complementa.

Considerando o contexto político da América Latina, Vagner acredita que a ação contra Maduro possa influenciar as eleições deste ano no Brasil, citando que muitos políticos favoráveis às políticas de Trump já estão traçando paralelos entre o cenário venezuelano à realidade brasileira. "Muitos [políticos] aliados do Bolsonaro, por exemplo, estão fazendo bastante barulho nas redes e associando a prisão do Maduro à esquerda e ao Lula de todas as formas possíveis. Isso pode dar um gás aos opositores do Lula e mesmo influenciar o próprio Trump a apoiar abertamente candidatos que se oponham ao Lula ou a qualquer um que seja contrário aos interesses americanos".

Em relação ao futuro do povo venezuelano, Vagner também declara que é difícil fazer previsões. Em sua análise, existem três cenários prováveis: o governo dos Estados Unidos apoiar o grupo militar que assumiu o poder na Venezuela e, em resposta, a população se levantar contra esse governo, o que aumentaria a repressão das forças armadas sobre a sociedade civil; o apoio estadunidense recair sobre os políticos de oposição à Maduro, oferecendo condições de reação contra os militares, iniciando uma guerra civil; ou uma invasão do próprio exército norte americano para retirar os militares do poder – uma possibilidade que Vagner acredita não ser condizente com os interesses dos Estados Unidos.